

Constituinte é a nova cruzada do sen. Vilela

CLÓVIS ROSSI

O senador Teotônio Vilela, velho Quixote de largos bigodes, está de novo empenhado numa cruzada, que o trouxe ontem a São Paulo: mobilizar o País para defender a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, única forma, em sua opinião, de romper o dualismo entre o "falso reformismo" do governo e "o convencionalismo" da oposição, "que acreditou no projeto do governo". O senador e, entretanto, um Quixote assumido: sabe que a bandeira da Constituinte é a mais difícil de pregar e ainda mais difícil de ver vitoriosa, mas não desiste, porque sabe também que "é o único caminho".

Teotônio Vilela, as mesmas roupas desleixadas, o cigarro permanentemente entre os dedos amarelados pelo fumo, aponta o impasse: "Já vimos no que deu o reformismo do governo, que transferiu para o Congresso a paternidade dos atos coercitivos, com o objetivo de desmoralizar o Congresso. São leis estranguladoras dos direitos, como essa nova lei de estrangeiros, um verdadeiro *complot* de todo o Cone Sul. E, de outro lado, o convencionalismo das oposições, que acreditaram nesse projeto, acreditaram que haveria eleições, acreditaram que a abertura iria nos conduzir à democracia."

Contra o impasse, o remédio desse velho liberal é a unificação das oposições, como primeiro passo. Mas uma unificação que não significasse fusão ou incorporação de um partido por outro. "Apenas — diz ele — a união em torno do ob-

jetivo comum, que é a Constituinte."

Como? Nem o próprio Teotônio Vilela tem uma resposta precisa. "Afinal, é preciso tomar a decisão de casar, antes de discutir como será o altar e quem será o padre." E ele reconhece que a "decisão de casar" ainda não foi tomada pelas oposições, empenhadas numa "discussão semântica" em torno de unificação, fusão, incorporação etc. Mas, se fosse tomada a decisão central, o senador tem uma proposta objetiva a fazer: a criação de comitês de mobilização, envolvendo não apenas os partidos, mas também "todos os setores intermediários da sociedade", entre os quais ele cita a Comissão Justiça e Paz, a CNBB, a Ordem dos Advogados.

Uma cruzada, enfim, como ele próprio a define. Com um esclarecimento: Teotônio sabe que também o governo quer a Constituinte, mas "a seu modo". Ou seja, "reformular a atual Carta por este Congresso ou por outro que venha a surgir das medidas que o próprio governo vier a adotar, como o voto distrital". Não é essa a Constituinte do velho cruzado: ele a quer nascida de eleições realmente livres, com ampla liberdade de discussão e participação, sem condicionamentos, pacotes ou outras mágicas. Difícil? Seguramente sim. Mas esse usineiro que desfilou da antiga UDN para a grande federação de oposição, que é o PMDB, não costuma desistir tão facilmente. Ele vai levando a sua bandeira adiante, sem se preocupar com manifestos ou coisas do gênero: "Não estou preocupado com papéis. Estou preocupado em unir todos os que se inquietam com a hora presente e se disponham a ver o que fazer."